

A MARMOTA.

Publica-se ás terças e sextas (embora seja dia santo), na — **Nova Typographia de Paula Brito** — rua do Cano n. 44, onde se assigna a 5000 rs. por seis mezes para a corte; e 3000 rs. para fóra, pagos adiantados, e tambem na praça da Constituição n. 64. Ns. avulsos, 100 rs.

A MARMOTA.

2.^a Carta macarronica.

LABORES AD GENUS NOVUM ESPECULATIONIS.

Post tantum tantum-quo tempus, hodie, venio, illustrissime redactor, vobiscum ostudare questiones bancarias. Mea littera bene accepta fuerunt, ergo debes continuare, in jornal vestro, facere calculos meos. BANQUI, jam non sunt ut fuerunt, volo dicere, BANQUI jam non formantur eodem modo a quo, in mensibus transitis, formabantur. Espectatio descoberta fuit, et especulatores tulerunt trote, et sciverunt cum cara asnorum. Illi ignorabant viam certam pillandi pecuniam alienam, et judicavero invenire, in banquis, auriferam minam. Fuerunt infelices quia non erint illis quid desiderabant. Vidi, post hanc maniam bancariam, juvenes puella esse raptae a collegiis suis, quia habebant pecuniam in quantitate magna. Et ego qui jam sum senex, videndo has ies, non possum ponere roham in bocca mea. Gracejando, illustrissime redactor, eo, hodie, apresentare vobis unum BANCUM NOVUM, UNICEM IN GE-

FOLHETIM.

D. NARCISA DE VILLAR.

Legenda do tempo colonial

PELA INDIGENA DO YPIRANGA.

(Principiu no n. 942.)

— Meu bom amigo, meu irmão: para onde me queres levar?.. Ah! quem somos nós para combatermos a perseguição do meus terriveis irmãos?!.. Queres que eu te veja errante no meio dos bosques, temendo a cada hora que caias em poder de teus algezes e talvez succumbires a seus golpes, se porventura chogassem a encontrar-te? Poupa-me essa dor; concede-me que morra ao meos com a doce consolação de que te deixo no mundo livre do odio do meus parentes.

— Mulher cruel, tornou o moço delirante e desconhecendo toda a dedicação que havia nas palavras da joven; bem nostras que és irmã desses soberbos senhores que julgam valor mais do que os outros homens, porque o orgulho os coga: não vês, ingrata, que daqui a algumas horas serás mulher d'outro homem, que passarás aos seus braços e que eu heide morrer do desespero?..

— Nada temas, meu Leonardo, disse

NERE SUO, ad quem spero approbationem desideratam.

Intitulatur bancus meus:

BANCUS GIGANTESCUS

implendi vasum barrigale, securandi vitas, arranjandi bonos casamentos, protegendi colonisationem, faciendi multas vias ferreas in toto imperio Brasiliensi, civilisandi indigenas, sustentandi pacem in tempore belli et augmentandi agriculturam nostram, reformandi circulos electorales, desinfectandi patriam nostram a morbifico viro.

Jam videtur ut ego trabalhavi ad FORJANDEM unum bancum novum, sed etem originalem.

Ecce FINIS banqui gigantesqui:

§ I.

Cum esset BARRIGA, origo totorum barulhorum qui, in hoc mundo, succeduntur, BANCUS GIGANTESCUS remediabit tota mala, ex hoc modo:

Art. 1.^o—In tota civitate erunt, abundantissimè, domi, ad manducandum per paucam pecuniam.

Art. 2.^o—In his domis, pauper sicut dives invenient manducationem bonam ac salutarem.

a moça com indizível ternura e pegando nas mãos de seu joven amante; porque esta noite, antes que o sacrificio se consumisse, eu estarei morta; itei sem mucha depositar minha corda de martyrio no seio de Deus; mãos impuras não profanarão meu corpo. Lá no ceo te vou esperar, lá onde não haverá obstáculos, nem antições que me pleiteem a ti: e agora morrerai com mais animo, porque te tenho visto.

— Anjo alorado, não, tu não terás coragem de me repellar, repello Leonardo cedendo ao seu amor; vem, minha bella Narcisa, vem comigo que sou teu esposo. Deos não consentirá em uma dupla morte; não, não: eu que te amo com tanta vehemencia, deixaria-hia commetter esse novo crime?.. Não, não tenhas escrupulo, não temas tanto teus irmãos, que minhas precauções estão tomadas; iremos esconder-nos n'um canto da terra, lá receberemos a benção d'um padre que nos unirá, e viveremos para nós somente. Terás minha mãe para acompanhar-te quando eu fór buscar a caça ao bosque ou o pescado ao rio; o resto do tempo que nos ficar desses deveros estaremos sempre juntos; eu lerei a tua leitura, pensarei pelas tuas idéas, porque tu és a alma do meu corpo. Dize, minha Narcisa, esta vida assim não te agrada?..

— Ah! meu Leonardo, como vens abalar minha alma tão profundamente apaixonada? respondeu a moça em soluços. Mas é tarde

Art. 3.^o—Genera alimentitia electa erint a directore banqui.

Art. 4.^o—Nemo poterit manducare sine primò pagare comidam.

Art. 5.^o—Directoria banqui clamabit semper, quotidie, contra monopolium qui facit malum barrigae, si monopolium non fuerit ad beneficium banqui ejusdem.

§ II.

Cum essent enterramenta, post formationem empressae defunctorum, carissima, bancus gigantescus cum auxilio charlatanorum, inventabit unam medicinam novam ad resuscitandum mortuosa sepulchro; ad dandum salutem quibus-qui non habuerint hanc.

Art. 1.^o—Nova medicina constabit, non ovolorum aranba, sicut homeopathia, sed ingredientibus plurinum bonis, descobertis a nostris caboclis.

Art. 2.^o—Medici banqui nominantur, post unum concursum.

Art. 3.^o—Non desiderat bancus—medicos seques, nec remedia lenta.

§ III.

Cum esset casamentum, hodie, bona fonscomendandi bene vitam, bancus gigantescus affluatqat socis suis.

e é para assegurar a tua vida, que eu devo morrer!.. De repente dez horas soaram na pendula de prai que estava a um lado da camara; a donzella olhou espavorida em volta do quarto:

— Sim; acodio o filho de Iphigenia respondendo ao pensamento da joven amada: d'aqui a duas horas, vir-te-hão buscar, serás então mulher de outro: e uma vez em poder allicio, vigiar-te-hão, porque o homem que te vio te amou; e o amor é muito perspicaz para não adivinhar tudo o que se passa em teu coração e procure obstar os teus intentos!.. Se tomares veneno, serás immediatamente socorrida; se intentares ferir-te, desviar-te-hão o golpe; tu viverás um dia, sem o quereses, com esse homem que detestas, e que te guardará tão de perto, como o avaro guarda o seu thesouro!.. viverás mais dous dias, cinco, um mez, um anno e mais ainda, até que a tua dor se abraque, e tua alma reciba a resignação que não tardará em vir em teu auxilio, habituando-te á tua desgraça... Não tardarás a ter filhos; sim, serás mãe dos filhos desse homem, que hoje aborreces; mas que has de ser obrigada a amar, porque será o pai d'ellos!.. Ouves, mulher cruel? gritou o filho da Indigena com desespero, sacodindo com força os braços da moça; serás obrigada a amar o pai de teus filhos!..

(Continúa)

Art. 1.º—Arranjare puellas juvenes ac formosas, cum poesiâ pecuniariâ.

Art. 2.º—Ad hoc, erunt CONSTANTINI qui especulabunt unde sunt puellæ in his conditionibus.

Art. 3.º—Alequis socius qui desiderit casare-se, dabit directori banqui partem quintam dotis, quem habuerit noiva.

Art. 4.º—Hæc pecunia dividetur inter-totos socios.

Art. 5.º—Qui fuerit major expertus, ex hac quantia hæbebit majorem quinbonem.

(Continúa).

O TEAR DA AVÓ

POR

CAROLINA EMIEUX.

A resignação.

III.

Luiza e Clemencia dormiam no unico leito que havia na choupana; Laura observava com desespero a lareira sem calor, as paredes noas e arruinadas e a barra em que repousavam suas queridas filhas, e um pensamento cruel lhe affligia então: para viver era preciso mendigar. Mendigar! ella que conhecera a opulencia. Ah! morreria antes de ter solicitado o primeira obolo de caridade!

De repente seus olhos descaçaram sobre o tear de sua avó, ha tanto tempo esquecido. O fuso conservava ainda o ultimo fio que ella fiava; a roca estava cheia de linha. Estes objectos recordavam-lhe antigos pensamentos, fizeram correr lagrimas de saudades, amargas e consoladoras. Laura julgava ouvir sua avó bradar-lhe ao pé de si: Trabalha, minha filha, ahí está o meu tear!

Estas palavras, agora como um echo da tumba, resoavam em seus ouvidos mais sonoras, que no tempo do seu bem-estar. Era para trocar o trabalho pelos prazeres ruidosos que ella e suas filhas se achavam na miseria.

— Minha boa avó! exclamou Laura, se eu vos tivesse acreditado, não estaria talvez agora na penuria. Ah! que sei eu? nada... Minhas prendas são nenhuma, as de uma criança; a trabalhadora mais desastrada como melhor do que eu.

A moça avançou para o tear, poz machinalmente o pé na planca com uma lentição em harmonia com seus tristes pensamentos, e começou a tecer.

Uma arcada de fio não tardou em levantar-se no fuso; admirada de sua propria obra, parou.

— Tenbo uma habilidade, exclamou ella repentinamente, a habilidade de minha cara avó! Obrigada, meu Deos, minhas filhas não morrerão de fome nem de frio!

Laura pegou na roca e trabalhou até o dia em que todo o linho se acabou; tinha já um bello tecido; tratou de o vender; isto era o mais difficil.

A idéa de dirigir se aos fabricantes da cidade, aquell's que a tinham visto no meio das galas, lhe causava um aperto de coração inexprimivel; mas o amor maternal fallou mais alto que o amor proprio. Immediatamente, a moça encaminhou-se para uma das fabricas mais conhecidas, e entrou sem hesitar.

O administrador estava ausente; o em-

pregado que recebeu Laura desdenhou um pouco da obra, tão mimosa; o fio era bello, o preço módico, decedio-se, dando a joven viuva, em troca de seu tecido, uma moeda de ouro; que ella recebeu com lagrimas de grande alegria; podia matar a fome de suas filhas sem commetter uma haixeza, sem pedir uma esmola.

Antes de entrar em casa, comprou as provisões que mais urgentes achou á sua subsistencia e de suas filhas o o linho para alimentar seu trabalho.

O plano da vida de Laura estava traçado desde aquelle dia em diante: a grande senhora so tornara uma fiandeira. Graças á sua industria e á sua coragem, suas innocentes filhas tiveram pão, roupa propria e quente; a lareira se animou no inverno de uma chama crepitante que chispava no meio da roda do sua familia; alguns moveis simples, porém indispensaveis passaram a occupar o lugar dos arruinados, na pobre choupana, que tinha agora um ar mais alegre.

Esesusado é dizer que Laura erguia-se do leito com o despertar da natureza e que o dia já era longe e o ruido cadente do tear ainda se ouvia.

— Oh! o trabalho, o trabalho! exclamava, é uma grande cousal é um prazer!

(Continúa.)

(TRAD. DO Sr. BRAULIO CORDEIRO).

O poeta.

A poesia é um dom do céo.

É uma flor plantada por Deos, e cultivada pelos Anjos da terra, que são os poetas!

Ella nasce com o homem, assim como a flor com o perfume!

O poeta é mytho de pranto e de fogo! 1

Nem uma missão ha, mais nobre, que a do poeta sobre a terra!

Ninguém melhor que elle, comprehende as maravilhas que Deos derramou por toda a superficie do globo!

No céo, no mar e na terra, em toda parte; elle divisa, elle encherça um novo encanto da creação!

E o mar, o céo e a terra, são por elle cantados, ao melifluo som de sua lyra!

Em espirito elle remonta ao céo, a fantasia lhe empresta azas; e elle vai té o throno do Monarcha dos Monarchas!

Perlustra os imaginaveis encantos, que adorneia o sanctuario de Deos; e descendo, elle contempla o sol que dispara milhões de raios por toda a parte, como uma copiosa chuva de ouro!

Elle examina e admira, essa multidão de estrellas, que brilham na alobhada celeste!

Na pateada face da lua, elle bebe inspirações; e nella descobre mais um poder d'Aquelle, que fez esse sol nocturno!

E elle empunha sua lyra d'ouro, sua inseparavel companheira; e um canto de gloria, suas cordas vibram!

No mar elle dilata seus olhos.—Um fogo santo, arde na pyra de seu coração, e abraça-lhe a alma.

Alli, elle descobre na immensidade das aguas, a immensidade de Deos!

Com olhos de Lynce, elle vê as milhares e variadas especies de aeres, que alli habitam; a riqueza incalculavel que alli jaz sepultada; a grandeza, a sabedoria e poder do Criador!

(1) Sr. Dr. Macedo.

Tudo para elle, se retrata no oceano, como em uma fina e delicada tela!

O poeta é o interprete das leis da natureza!

O mar ora liso e sosegado, como uma criança que dorme tranquillamente, servindo de espelho ao rei dos astros, que nelle se mira; ora encrespado e furioso, levantando immensas torres de agua, que galopando vão bater-se contra os rochedos, semelhante ao leão que corre furioso em busca da preza que lhe fugio; serve-lhe de verdadeiro principio para tirar a verdadeira conclusão da vida humana!

As verdes montanhas que se erguem ao céo, e as formosas palmeiras que se levantam; as campinas e os prados esmaltados de flores, os rios, regatos e arroios, que se estendem pela terra, regando os campos, dando vida ás sementeiras, embelezando a natureza; o estampido do trovão e o estalar do raio, o uivar das feras, o grasnar do corvo, o cantar innocente dos innocentes passarinhos, enfim, tudo que delecta e encanta, desagrada e aterra: elle canta com canticos do coração, vibrando as cordas da sua lyra querida!

Então, elle é o viajor, que estuda e observa os encantos da terra, para estudar e compiar com os encantos do céo!

Então, a sua voz, é a voz de Deos que na terra soa!

Então, finalmente, elle é o mytho de pranto e fogo!

Umaz vezes, o seu canto é tão doce e mavioso, que assemelha-se ao fallar dos Anjos!

Outras vezes, tão terno e entristecido, que parece o gemer da rola.

Umaz vezes, é alegre e cheio de fogo, como o cantar da toutinegra ao nascer do sol!

Outras, tão melancolico e pezaroso, como o suspirar da brisa ao cair da tarde, ou como o badalar de um sino, chorando a morte!

Umaz vezes, dizem prazer, ventura, felicidade!

Outras, dizem dôr, afflicção, desgraça!

Ora é Camões cantando os heroicos feitos de sua patria, construindo o aliecer, onde deve repousar o monumento de sua gloria!

Ora é o mesmo Camões naufragado, e chorando as lagrimas da miseria!

Agora é o Cysne do Brasil (2) dedilhando em sua lyra, canticos de amor e ternura!

Depois é o terno Gonzaga, a exhalar suspiros, pela sua adorada Marília!

Oh! quão sublime é a missão do poeta, sobre a terra; quer na alegria ou na dôr, quer na felicidade ou desgraça!

O poeta, assim como Deos abre o cofre de suas graças, para derramal-as sobre os homens; elle empunha a lyra, e espalha por toda parte suas canções divinas!

A poesia, é a musica de Orpheo, que faz os demonios dormir!

Que importa a sorte do poeta? Que importa que Camões pedisse esmola? Que morresse n'um hospital? Quando o seu nome zomba do tempo, e é ouvido em todo mundo?

Que importa que Gonzaga, corpisse sua desdita n'uma masmorra? Se o seu nome está escripto com letras de ouro nas paginas da Historia?

(2) O Sr. Consalves Elias.

A gloria que o poeta alcança, é a verdadeira gloria!

Napoleão firmou o pedestal de sua gloria, sobre as cabeças de milhares de victimas! Camões firmou-o, sobre o seu—LUSTADAS—onde escreveu com traços inextinguíveis, a antiga gloria Lusitana!

Qual é o verdadeiro heros? Napoleão que ensanguentou o mundo, calcou aos pés a liberdade, ultrajou a casa de Deus; ou Camões que immortalizou os feitos de sua patria; sem derramar uma só gota do sangue?...
E' sem duvida o genio da poesia, é Camões!

A gloria tem suas fatalidades, assim como o sol suas manchas; porém, nem estas fatalidades, nem estas manchas, obstam a que a gloria seja a rainha do mundo e o sol o rei dos astros! (3).

O pbeta é pois o mytho de pranto e fogo.

S. Paulo—1858.

Antonio Manoel dos Reis.

TARDES DE UM PINTOR OU INTRIGAS DE UM JESUITA

(Principiou no n. 821, de 13 de Fevereiro de 1857, e foi suspenso no n. 823, de 20 do mesmo mez e anno. Acabou o 1.º vol. no n. 921.)

Volume II.

(Principiou no n. 947.)

— E' verdade que eu quando lhe propuz sua ida para fóra do Rio de Janeiro lhe disse que era para destruir a impressão causada no animo do publico; isto lhe disse eu para não offendel-o; mas eu estava, e estou convencido que o assassino de Leoncio foi elle.

— Mas, senhor, eu sou vossa filha, e ponho todo empenho em obedecer-vos: não me casarei senão com quem fór do vosso gosto: se pensaveis assim, se acreditaveis que Julianno era o assassino do senhor licenciado Leoncio, acho que melhor era que lhe fallasseis com franqueza, que lhe dicesseis vosso modo de sentir, e que me dicesseis que absolutamente não convinheis em tal casamento: então Julianno fceria dissuadido, e não se exporia nos perigos de uma batalha para contentar-vos: e eu, bem que sentisse, e sentisse muito, já teria soffrido esse golpe; ou teria morrido de dôr, e estaria livre de uma existencia que me peza, ou consolada me teria resignado a minha sorte: mas vejo que segunda vez compromettistes a vossa palavra, e sendo vós tão honrado como sois quereis fallar.

— Todavia, Clara, nunca te vi tão despatchada como hoje!

— A linguagem da verdade e da razão, meu pai, não carecem de muitos estudos.

— Pois eu desejava propôr-te um arranjo pelo qual me parece que melhoravas muito!

— Podéis dizer, senhor.

— Nas circumstancias em que param as cousas tu não deves casar (nem eu consentir) com Julianno. Entretanto estou velho, e tu em estado de te casares: propunha-te, pois,

o acceptares a mão do licenciado Leoncio; cumpre, porém, dizer-te que elle te não pediu em casamento; mas eu tonho essa vontade, e estou que elle não recusará.

— Então, meu pai, o casamento de Julianno comigo é absolutamente impossivel?

— No pé em que se acabam as cousas, muito impossivel.

— Porque, omfim, foi elle o assassino de Leoncio?

— Assim o penso.

— Perdooi-me, se tomo a ousadia (disse o padre Roberto) do metter-me onde não sou chamado. Parece-me, meu amigo, que sois um tanto injusto quando asseveraes que foi Julianno o assassino de Leoncio; não, não vamos tão longe; vós o não podeis jurar, e nisto não ha mais que uma bem fundada presumpção; podia ser elle, mas podia não ser. E' bem verdade que todos os dados depõem contra elle, e para que se mostrasse justificado carecia de uma prova cabal, na qual mostrasse a sua innocencia á todas as luzes: emfim, uma prova tão clara, como o sol do meio dia: e o que não houve. E parece até que Julianno não a poderia dar.

— Quanto a vós, minha filha, tendes toda razão em sentirdes a perda d'aquelle que amaveis. Maldito seja o coração de amante, que perdendo o objecto do seu amor se não resente, e lastima; isso mesmo prova a vossa virtude. Si até hoje eu vos estimava, de hoje em diante muito mais vos estimo: sois uma mulher em tudo apreciavel! Deos vos fide bem.

— Acho muito natural que não acrediteis que fosse Julianno o assassino de Leoncio, e, se vós o acreditasseis, certo o não amaveis. São estas prerogativas do amor! Seus milagres fazem que vejamos sempre bem o objecto de nosso amor!

Quero conceder-vos que não fosse Julianno o assassino de Leoncio; quero até acreditar convosco que elle esteja innocente nesse negocio; mas neste mundo, minha filha, nós não fazemos o que queremos, mas sim o que podemos, e devemos. Desde que vivemos em sociedades temos direitos a exigir, e deveres a cumprir: e quantas vezes esses deveres senão oppoem a nossos gostos, nossos interesses, etc? E, entretanto, é preciso sujeitar-nos para vivermos com honra, por que uma vez perdiste a honra nada somos! Ora, dado isto, qual é a presumpção geral a respeito do assassinio de Leoncio? Supponde que ha no Rio de Janeiro vinte mil pessoas, destas só mil acreditam na innocencia de Julianno, em quanto desenoventa mil aprezoam que foi elle o assassino de Leoncio! Cistes vós com Julianno; para vós, para vosso pai, para os amigos, e parentes de Julianno, para mim, e até para mais algumas pessoas ensaes com um joven bom, puro, e digno de vós; e para os meus? casatis com um assassino! Além da infamia, que tem de recair sobre vosso nome, que triste será o legado de vossos filhos! Infelizmente, vosso pai, vós, Julianno, e seus parentes são em demasia conhecidos não só no Rio de Janeiro, como em Lisboa. Todo mundo saberá de vosso casamento, e o nome de vosso marido «Alli vai» (dirão quando passardes com vosso marido) «Alli vai a filha de Paulo com o assassino do licenciado Leoncio! E' aquelle o Julianno, que em uma noite, de caso pensado, esperou a um homem que nunca o offendeu, para o assassinar! E aquella dextra assim mesmo ensanguentada apertou junto do altar a dextra pura de uma innocente virgem!»

E quando alguém não conhecer a algum de vossos filhos, e perguntar a outrem: «Quem é este joven? Responderão: «E' um dos filhos do Julianno, o assassino do licenciado Leoncio!»

(Continúa.)

A perdida.

Perdi tudo, corpo e alma,
Do vicio no lodaçal;
Perdi-me, calquei a palma
Da innocencia virginal;
Quiz lutar, mas a coragem
Não a tive; na voragem
Das paixões eu me arrojé;
Cedi á fome que opprime,
Abri os braços ao crime,
Faltou-me a força, pequei.

Assentei-me por conviva
No festim da corrupção;
Já não tinha a fronte activa,
Cravava os olhos no chão.
Mais o poder desfalece,
Mais o desejo recresce
De gozar amor alli;
Um ai a outro se enfaça,
Do prazer peguei na taça,
Levei-a aos labios, bebi.

Heitar! quem é que hesita
Se no abysmo quer cair?
Quem é que os olhos lhe fita,
Lhe vai a altura medir?
Aqui a infamia, além a morte,
Uma ou outra por consorte
Escolher devêra alli;
Morrer tão nova, tão cedo!
De morrer eu tive medo,
Tanto medo que vivi.

Vi-me no mundo, coitada,
Sem parentes, triste e só,
Com fume, tão mal trajada,
Tão pobre, fazia dô.
De porta em porta esmolava;
Este e outro recusava
A minha dôr compartilhar;
Em cada peito a descrença,
Em cada ente a indifferença,
Em cada rosto um sorriso.

Sobre meus hombros pesava
Tanto e tanto a minha cruz,
Quo mais e mais eu caçava,
Até que o fardo depuz.
Da fome o pranto era enxuto;
Bradi ao mundo corrompto:
— A ti me venho entregar.
Pisei a corda de virgem;
Fascinou-me esta vertigem
Sêde ardente de gozar.

Crestou-me o halito do crime,
Tombei, peudida, no chão;
E correi, tremi, corri-me
De inutil pudor então:
Foi o fulgor derradeiro!
Maldito o homem primeiro
Em cujos braços cabi,
A quem, por punhados d'ouro,
D'alma vendi um thesouro,
A medo o corpo vendi.

E, rainha entre as rainhas,
No lubrico festejar,
Salpiquei as faces minhas,
Fui-as de lodo manchar;
Manchei, perdi-me; perdida,
E-me um martyrio esta vida,
Como não julga ninguém:
Por cada beijo vendido,
Por cada gozo sentido
Remorsos pungir-me vem.

Aviltou-me a sociedade,
Que me renega sem dó;
Afrontas por amizade
Hoje me offerta tão só:
Passando ha dias na praça,
Uma voz da populaça
Eu ouvi bradar assim:
— « Alli vai a prostituta,
Mulher devassa, corrupta;
Cuspi-lho a frente, cuspi. »

Mas não dizem:—tinha fome,
E pela infamia trocou
A indigencia que consome,
Que ninguém lhe aliviou!
Mas não dizem:—desgraçada,
Basta-lhe a dôr, é sagrada
A dôr que punge a mulher!
Mas não sabem que hei chorado,
Quantas penas hei penado
Que não sabem conceber!

Mundo, disseste-me:—um gozo
Não te leva á perdição;
Depois meu crime espantoso
Não merecia perdão!
Só em ti, meu Deos, eu creio,
Quero voar p'ra o teu seio,
Que do teu seio parti;
E a filha da desgraça
Que implora um raio de graça:
Leva-me esta alma p'ra ti!

Escuta.

Perguntaste-me, Adelaide,
Se por ti sentia amor;
A borboleta pergunta
Se no prado ella ama a flor?

Se a lua ama o silencio,
Ao céu o pergunta, oh bella;
Ao naufragado pergunta
Se ama ao longe uma vela!

Pergunta ao prisioneiro
Se elle ama a liberdade;
A's esposas do senhor
Si amam a castidade.

Pergunta; que então de certo
Subindo-te á face a côr,
Conhecerás na verdade
Se por ti eu sinto amor!

M. A. Calazans Peizoto.

Anecdotas.

— Diz-se que a razão porque quasi nunca se entrega os livros emprestados, é pela necessidade que tem quem os pede de decorar o que elles contém, por isso mesmo que não são seus.

— Marianno Socin, celebre juriconsulto do xv seculo, estudava pouco depois que nasceu, o como se lhe observasse uma vez que Socrates, depois de casado, estudava mais do que quando era solteiro, respondeu Socin: — A mulher de Socrates era feia e má, e a minha é bella e boa.

— M.^{me} de Stael, que era amante de Mr. de Talleyrand, conjunctamente com Mlle. Fl..., querendo um dia que este lhe dicesse por força á qual das duas amava mais, insistio deste modo — « Ora, confesse que, se ambas nós estivessemos em risco de nos afogar, não era a mim que o senhor procuraria salvar ! » — ao que elle respondeu, sem se desconcertar — pôde ser que sim, porque a senhora tem-me ares de quem sabe nadar.

LIÇÕES

DA ESCRIPTURA SAGRADA

OU VIDA DE

JESUS CHRISTO

posta em versos simples, e adequados á comprehensão dos meninos e a elles offercidos por

UMA FLUMINENSE.

(Continuação. Principiou no n. 907.)

Jesus vai á Capharnam com sua Mãe e discipulos, e cura um espirito impuro.

Com sua Mãe e discipulos
Depois Jesus caminhou
P'ra Capharnam, onde então
Por muitas vezes pregou.

O seu modo de ensinar
A' todos admirava,
Pois que sempre que pregava
Co' autoridade fallava.

Um dia na Synagoga
Estava um homem *possesso*,
Que, grandes gritos lançando,
Dizia n'um louco accesso:

Deixai-nos: que Elle está aqui!
E' Jesus que estou a ver!
F'os sois o *Santo* de Deos,
Viestes p'ra nos perder!

Calla-te, e sae deste homem,
Diz Jesus o ameaçando.
E logo o *esp'rito impuro*
Do homem sahio *berrando*.

Tomados todos de espanto
Diziam:—Quem pode ser
Este homem á quem tuilo
E' forçado obdecer ? !

MAXIMAS

da collecção do ermitão portuguez o conselheiro

J. J. RODRIGUES BASTOS.

Homens.

O homem acaba, pouco mais ou menos, como começa: elle veio ao mundo sem nada, e sabe deixando no caminho tudo o que nelle encontrou.

O homem probo não opprime o innocente, o homem honesto o defende, o homem caritativo se expõe e se arrisca por elle.

De um homem máo não se pôde fazer um grande homem.

Nós somos os mesmos por toda a parte; o homem é sempre homem.

De um homem de bem é facil fazer um homem máo; mas quão difficil é o fazer de um homem máo um homem virtuoso?

Bigorna ou martello, tal é a sorte da maior parte dos homens: ditoso o que possui o segredo do não ser uma nem outra cousa!

Os homens são como as palavras; se não se põem em seu lugar, perdem o seu valor.

O homem tem mais genio, a mulher tem mais espirito.

Os homens philosopharão melhor, porém as mulheres lerão melhor nos corações.

Os homens são bons para reduzir a moral á systema, mas as mulheres são mais facteis em comprehendê-la, e mais fideis em pratical-a.

Com o toque se prova o ouro, o homem com a prata e o ouro.

Deos diz ao homem: Ajuda-te e eu te ajudarei.

Charada.

Por mim a Confirmação
Do baptismo é começada 1
Sou necessaria aos enfermos
Da bocca em meio encerrada... 1

E mui saborosa a hervinha
Do meu nome appellidada,
Sou tambem doce bebida.
Espiritualizada..... 2

Se me repetem, comigo
Se faz monice á criança;
E só, ando nos moinhos
Em gyro de contradansa.

CONCEITO.

Palavra santa de magia infinda
Meu todo encerra,
Por mim jazem milhões de puros crentes
Sepultados na terra!

A. P. Domingues.

CHA
DO MELHOR QUE HA
NA
Loja de Paula Brito
N. 64
Praça da Constituição
onde tambem se vende
Letras e papel sellado
POR CONTA DO GOVERNO.

Typographias de Paula Brito
Rua do Cano n. 44 e praça da Constituição n. 64